

Conselhos e Organização em Anton Pannekoek

Pablo Gabriel Mizraji

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

pmizraji@gmail.com

MENDONÇA, José Carlos. *Além de Partidos e Sindicatos: organização política em Anton Pannekoek*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, 188 p.

Originais recebidos em: 16/09/2011

Aceito para publicação em: 21/09/2011



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported License.

Em meio a um momento histórico em que os contextos políticos se redefinem mas sempre apresentando variações sobre o mesmo tema da democracia representativa como regime tendencialmente perene, os projetos de sociedade voltados para o pós-capitalismo são particularmente “esquecidos”. Ousar retirar tais projetos da invisibilidade teórica e prática significa enfrentar potentes engrenagens movidas pelos setores reacionários. E, nesta perspectiva, não basta demarcar-se das esquerdas e direitas tradicionais, mas também afirmar que concepção anticapitalista se está a defender. São tempos em que o afastamento de partidos e sindicatos das necessidades cotidianas das classes trabalhadoras é percebido por expressivos contingentes de explorados e oprimidos que constataam a integração e a subordinação das iniciativas destas organizações ao Estado. Em tempos assim, é alentador deparar-se com uma publicação que não se limita a criticar a cooptação de partidos e sindicatos por “governos de esquerda”, mas que resgata um debate crucial havido décadas antes quando este processo de integração se consolidou e que continua praticamente desconhecido no Brasil, mesmo em meios de esquerda.

O livro “Além de Partidos e Sindicatos: organização política em Anton Pannekoek”, uma adaptação da dissertação de mestrado de José Carlos Mendonça

publicado pela editora Achiamé em maio de 2011, contém os ingredientes para se tornar um importante referencial para quem pretende conhecer o ponto de vista do principal representante da corrente conselhistas sobre organização política: o holandês Anton Pannekoek. José Carlos é Mestre em Sociologia Política, graduado em Direito e História, e atualmente é Doutorando em Ciências Sociais pela UNICAMP e trabalha como técnico e pesquisador junto ao Laboratório de Sociologia do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina (LASTRO/UFSC).

A obra está estruturada em três partes. Na primeira José Carlos reconstitui o percurso biográfico e intelectual de Pannekoek desde o seu nascimento no interior da Holanda em 1873 até a sua morte em 1960 aos 87 anos. Inclui-se aqui ainda o contexto histórico e político em seus aspectos marcantes para a formação do pensamento do holandês captado em seu processo de maturação por meio de sucessivas rupturas: inicialmente um seguidor pouco crítico do liberalismo de Stuart Mill por influência paterna, a seguir um empolgado militante da social-democracia holandesa e alemã, e, após um breve período de aproximação com o bolchevismo logo seguido por cinco anos de reflexão introspectiva, finalmente para as posições maduras do Pannekoek teórico dos Conselhos Operários e da autonomia do proletariado. A segunda parte expõe a crítica de Pannekoek às formas organizativas de tipo social-democrata, bolchevique e das burocracias sindicais, partidárias e estatais. A terceira parte está dedicada a apresentar as formas concebidas por Pannekoek em substituição a partidos e sindicatos, formas de organização e formas de luta. Ao final José Carlos conclui que apesar de parte do legado teórico de Pannekoek não ter resistido ao tempo, boa parte de suas contribuições continuam válidas para se pensar a contemporaneidade em perspectiva.

Pannekoek presenciou todo o chamado “movimento operário e socialista” e sua vida e obra políticas foram parte de um esforço consciente para expressar teoricamente as raízes mais radicalizadas daquele movimento. As sucessivas rupturas de Pannekoek são apresentadas por José Carlos como a permanência de uma coerência de fundo segundo a qual os explorados devem ser conscientes de que mesmo durante períodos revolucionários as instituições criadas com finalidades transformadoras podem se corromper se forem engessadas e, deste modo, aniquilarem toda possibilidade de transformação social.

Embora não seja uma biografia, “Além de Partidos e Sindicatos” nos fornece um panorama da profusa produção intelectual pannekoekiana, detendo-se em suas principais obras, de modo a permitir ao leitor a obtenção de elementos preciosos para

uma visão autocrítica do movimento operário, assim como um método para se pensar formas de organização em meio a processos conjunturais de ruptura social. Mas não só. Suplementarmente, José Carlos, em consonância com Paul Mattick, pensador, militante e companheiro de Pannekoek, revela a personalidade científica e acurada do holandês, antes mesmo de tornar-se um marxista, de modo que Pannekoek foi ao mesmo tempo “teórico dirigente do movimento operário radical, mas também um astrônomo e um matemático de reputação mundial.” (MATTICK, 2011).¹

José Carlos destaca a decisiva influência que as idéias do filósofo alemão Joseph Dietzgen² exerceram sobre o pensamento de Pannekoek graças a quem o holandês pode consolidar a compreensão de que “os seres humanos devem pensar as transformações antes de as realizarem, pois o processo revolucionário depende simultaneamente do desenvolvimento da consciência de classe e da organização da produção material da vida” (MENDONÇA, 2011, p. 144). Ressalte-se que Pannekoek estabeleceu relações pessoais com o filho de Dietzgen e foi por ele convidado a prefaciar em 1902 uma edição daquela que seria a maior obra de Joseph Dietzgen, “A natureza do trabalho intelectual humano”.

Esta totalidade formada pela confluência entre *realidades objetivas pensadas e subjetividades conscientes transformadas em ação* nos permite traçar um paralelo entre certos momentos vividos por Pannekoek e por José Carlos. Do mesmo modo que a convivência do holandês com liberais, sociais-democratas e bolcheviques produziu nele um conjunto de impressões negativas que o impulsionaram a romper com tais concepções, a convivência de José Carlos com petistas, stalinistas, trotsquistas, leninistas e sindicalistas durante os anos em pertenceu ao PT e foi militante sindical forneceram a materialidade necessária para forjar uma subjetividade que, anos depois, serviu de motivação para esta pesquisa acadêmica.

Ao longo de todo o livro percebemos como se sobressai o elevado grau de abertura do pensamento pannekoekiano, adversário de qualquer dogma. Ao referir-se ao significado de seu pensamento e método, já no final de sua vida, escreveu:

¹ O interesse de Pannekoek pela astronomia, mesmo durante todo o percurso político, nunca foi abandonado. Seus estudos seguiram por longos anos paralelamente à sua vida de militante. A astronomia na Holanda já possuía uma tradição científica, com famosos como Gaspard van der Heyden (1496-1549) e Christiaan Huygens (1629-1695, descobridor dos anéis e luas de Saturno), dentre outros.

² Joseph Dietzgen (1828-1888) foi um filósofo alemão autodidata. A crítica de Dietzgen ao materialismo mecanicista, forneceu maior completude ao materialismo dialético e seu monismo filosófico pode de certa forma suprir epistemologicamente lacunas na elaboração marxiana.

Todavia é muito duvidoso que possa servir de guia para uma geração mais jovem. O mundo se transforma rapidamente, conseqüentemente ela deverá receber sua formação de base de um complexo ambiental e de experiências completamente diferentes das nossas. Nós fomos formados por meio de muita luta e dificuldade, assim chegamos a uma conquista segura. Do mesmo modo também deverão fazer os jovens e o melhor que podemos fazer é permitir que penetrem em cada realidade, possivelmente de mais pontos de vista, para que formem uma opinião autônoma. Usar o próprio cérebro: esta é a melhor lição que podemos transmitir a eles. Sobretudo é um pensamento que hoje também deveria se tornar útil ao movimento operário. (p. 83).

José Carlos sintetizou o método que Pannekoek desenvolveu como sendo “procurar extrair o caráter das lutas de classes futuras a partir das lutas de classes que presenciava.” (p. 141) que permitia que ele acompanhasse “as características gerais encontradas na pluralidade das formas de luta, além de apresentar contribuições para a definição dos contornos das futuras formas organizativas.” (p. 141).

A aplicação desse método resultou não apenas na crítica e superação das formas partidárias e sindicais bem como deixou Pannekoek cada vez mais distante da idéia bolchevique de controle do Estado. Para o holandês, sindicato e partido político se distanciaram do proletariado - “as formas externas assumidas pelas instituições são secundárias em relação ao caráter de classe proletária” (p. 34) – e o controle do Estado pela fórmula das revoluções burguesas “conquista do poder político, instalação de um novo governo, expropriação jurídica dos capitalistas para somente então organizar a produção” (p. 148) apenas leva ao Capitalismo de Estado. Vale ressaltar que, antes do processo revolucionário se dar na Rússia em 1917, Pannekoek foi um dos poucos teóricos marxistas a sustentar uma posição crítica sobre a questão estatal.

José Carlos descreve ainda como Pannekoek realizou a seu modo o que Karl Korsch, outro teórico do conselhismo, denominou “a aplicação do materialismo histórico ao próprio materialismo histórico” (KORSCH, 2011), dado que Pannekoek não se limitou a combater apenas a atuação de dirigentes ou a linha política adotada por este ou aquele partido ou sindicato, mas demonstra a falência e a superação histórica destas formas de organização para a transformação social. Isto sem perder a centralidade da crítica na própria existência do Estado.

O modo como Pannekoek expressou teoricamente a ação direta das massas e a experiência dos *soviets*, eram diretamente antagônicos ao modelo desenvolvido e levado a cabo pelos bolcheviques na Rússia, o qual aparecia para ele como um sistema reformista de imposições unilaterais. Não materializava a metodologia revolucionária de criação de formas alternativas a um poder puramente político, logo, puramente burguês.

Esta subsunção da dimensão política na dimensão econômico-social em sua prática e em suas elaborações possibilitou que Pannekoek exercesse influência teórica em diversos setores do movimento proletário em diferentes países mesmo sem ter participação direta neles. Do mesmo modo, sua percepção do refluxo das forças proletárias, sua demonstração do caráter contrarrevolucionário do parlamento, obtiveram reconhecimento das parcelas mais radicalizadas do movimento à época. As formulações de Pannekoek sobre a permanência do aparato estatal durante o processo revolucionário, apresentaram pontos de semelhança às críticas elaboradas por teóricos anarquistas contemporâneos a Marx e Engels, como Mikhail Bakunin, Eliséé Reclus e James Guillaume. Todos defendiam a total destruição do Estado, de baixo para cima por meio de uma Revolução Social ancorada sobre o federalismo ou socialismo libertário. Porém, é importante destacar que não existiu uma proximidade política de Pannekoek com as correntes anarquistas de seu tempo. Estas, Pannekoek considerou “muito restritas para serem úteis hoje em dia à luta de classe operária” (p. 77), referindo-se especialmente à tendência anarcossindicalista da qual os conselhistas divergiram.

José Carlos cumpriu o objetivo geral de apresentar o pensamento político de Pannekoek referente à crítica das instituições criadas pelo proletariado e assimiladas pelo Estado, mas também nos apresentou que tipos de formas podem ser criadas pelos que lutam contra o capitalismo. O pensamento pannekoekiano trazido de volta do ostracismo forçado pelos marxismos ortodoxos da II e III Internacionais, pela consistência teórica de suas análises para o presente/futuro, formam um valioso arcabouço para o momento atual.

O domínio demonstrado por Pannekoek do método do materialismo histórico, se entendido e aplicado, pode servir de antídoto contra formas de pensar superadas e ainda incrustadas nas práticas das autoproclamadas vanguardas que aspiram conduzir “massas inconscientes”, e da esquerda como um todo. A demolição das bases filosóficas do jacobinismo de tipo leniniano constitui-se em um vigoroso exemplo. Ao escrever “Lênin Filósofo” Pannekoek revelou de onde partiam os fundamentos para toda a estratégia interna e externa à Rússia aplicada pelos bolcheviques, a qual em seu entender previa a manutenção do capitalismo sob a forma de Estado, uma vez que a Revolução Russa estava naquele momento condenada pela “ausência do proletariado como sujeito revolucionário”.

Outro exemplo significativo podemos encontrar na análise pannekoekiana acerca dos Conselhos Operários onde encontramos “o caminho das pedras” para novas ações e formas de organização especificamente autônomas:

[...] não podem existir partidos com chefes e programas determinados [...] as organizações de classe não são os sindicatos que se burocratizaram [...] as figuras centrais (da organização) serão os conselhos operários, os verdadeiros *soviets*. As velhas organizações serão todas inimigas, o partido comunista como servo do Capitalismo de Estado russo, o partido socialista como servo do capitalismo privado ocidental e estadunidense. A nova propaganda conselhistas é necessária para despertar e persuadir as massas. (p. 75)

Porém, nesta mesma obra, José Carlos não deixa passar os alertas do próprio Pannekoek contra uma apreensão dogmática de suas contribuições. Aquele que morreu sem nenhuma corrente de seguidores, e que durante o “Maio de 1968” francês teve suas idéias revalidadas pelo movimento de estudantes e operários, não perdeu a humildade intelectual e o sentido histórico profundo das mudanças ao afirmar:

[...] tudo que se diz nesse livro não tem a pretensão de ser a verdade a ser assimilada. É uma opinião sob a forma de totalidade, produto de alguma experiência e de um estudo atento da sociedade e das lutas operárias, impresso com o fim de fazer com que outras pessoas pensem e reflitam sobre os problemas do trabalho e do mundo. Existem centenas de pensadores capazes de proporcionar novos pontos de vista; existem milhares de trabalhadores inteligentes que, baseados nos seus conhecimentos práticos e a partir do momento em que se dêem conta de sua própria capacidade, podem ter idéias mais completas sobre a organização de sua luta e de seu trabalho. O que aqui se lê pode ser a faísca que acenda a chama em sua mente. (p. 176)

A perspectiva pannekoekiana ao sublinhar a importância da luta social, nos é útil também nos debates sociológicos ao se contrapor às correntes filosófico-científicas assentadas sobre epistemologias fenomenológicas, fundadas em visões gerais abstratas do processo de percepção da realidade, que propõem deslocar o foco analítico do cientista social da relação de classes para objetos subjetivistas. Coerente consigo mesmo, Pannekoek extraiu suas observações de experiências concretas. Mais um motivo válido para que o livro de José Carlos seja lido.

Referências Bibliográficas

KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Disponível em: <http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/157-livro/1886-karl-korsch-marxismo-e-filosofia>. Acesso em: 14 ago. 2011.

MATTICK, Paul. *Pannekoek (biografia)*. Disponível em: <http://guy-debord.blogspot.com/2009/06/paul-mattick-pannekoek-biografia.html>. Acesso em: 15 ago. 2011.